

EFEITO DE UMA OPERAÇÃO SOBRE A FALTA: O 'DES-FAZIMENTO' DAS HISTÓRIAS INFANTIS NO SONHO E NA FALA DA CRIANÇA *

Renata MAZAFERRO

RESUMO *A investigação da eficácia (função) das histórias infantis na trajetória do sujeito pela linguagem incidiu sobre dois fenômenos: o sonho de um paciente de Freud e episódios narrativos de uma criança. Em ambos os casos, as histórias infantis foram desfeitas em fragmentos que ingressaram em outras composições, nesse sentido foram desfeitas para serem refeitas. Interpreto tal constatação como efeito de uma operação sobre a falta inerente à estrutura da língua(gem). Diferenças entre o sonho e a narrativa da criança também foram abordadas na pesquisa.*

RÉSUMÉ *L'investigation de l'efficacité (fonction) des histoires enfantines dans la trajectoire du sujet par le langage a eu incidence sur deux phénomènes : le rêve d'un patient de Freud et les épisodes narratifs d'un enfant. Dans ces deux cas, les histoires enfantines ont été défaits en fragments qui ont passé à faire partie d'autres compositions. Dans ce sens, elles ont été défaits pour être refaites. J'interprète cette constatation comme un effet d'une opération sur l'absence inhérente à la structure du langage. Les différences entre le rêve et la narrative de l'enfant ont été aussi considérées dans ma recherche.*

Qual a eficácia simbólica (função) das histórias infantis na trajetória da criança pela linguagem? Eis a questão que move essa pesquisa. O termo 'histórias infantis' refere-se ao *efeito* que uma narrativa ficcional produz sobre um sujeito, sendo o sentido de 'infantil' fundamentado numa concepção freudiana. Outras características definem tais histórias no presente estudo: elas são recontadas tanto no âmbito público (na TV, no cinema, na literatura) quanto no privado (na relação adulto-criança), e, nelas, há intervenção do 'maravilhoso'. Dentre os fenômenos nos quais é possível verificar a

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 28 de julho de 2004, orientada pela Profª. Dra. Claudia Thereza Guimarães de Lemos.

presença de fragmentos provenientes desse tesouro popular, dois deles foram eleitos para a investigação: o sonho e a fala da criança.

Em ‘História de uma neurose infantil’ (1914) ou ‘O Homem dos Lobos’, eixo dessa pesquisa, as associações livres do jovem paciente de Freud sobre o sonho de infância trouxeram à luz fragmentos de histórias infantis cifrados pelo trabalho do sonho para que a cena da infância fosse nele inovada. Tal cena foi reconstruída nessa análise. O sonho dos lobos pode ser recontado em uma única frase: o menino estava deitado em sua cama, repentinamente a janela do quarto se abriu e lhe ofereceu a terrível visão de seis ou sete lobos sentados nos ramos de uma árvore. O paciente destacou ao analista os seguintes detalhes do sonho: os lobos eram brancos, com caudas grandes e orelhas empinadas; estavam quietos, parados e o olhavam; seu temor era de ser comido por eles; acordou do pesadelo com o próprio grito e foi amparado pela amada babá; a imagem clara e vívida da abertura da janela e dos lobos na árvore deixou uma forte sensação de realidade após o despertar; o medo de ver algo terrível nos sonhos o acompanhou até cerca dos doze anos de idade. O paciente o considera seu primeiro sonho de ansiedade e sua estimativa era de que o mesmo ocorreu na faixa etária entre os três e os cinco anos de idade. A descrição do sonho foi acompanhada de um desenho: a imagem dos lobos, em número de cinco, nos galhos da árvore. É importante repetir o que foi frisado por Freud: o adulto em análise colocou as impressões e os impulsos da infância em palavras que, na ocasião do sonho, lhe faltavam; trata-se de um exemplo de ação preterida.

Desde a época em que teve o sonho, o paciente o vinculou à recordação do sentimento de medo e pavor diante da figura de um lobo em pé que - com garras à vista e orelhas erguidas - dava um passo à frente. Suspeitava que a figura ilustrava o conto ‘Chapeuzinho Vermelho’. Durante a interpretação do sonho, descobriu o conto maravilhoso encoberto por trás dessa figura: ‘O lobo e os Sete Cabritinhos’. No decorrer da análise, a obstinação do paciente o levou a localizar em um sebo o livro ilustrado da infância, que confirmou tal revelação.

Além de ‘Chapeuzinho Vermelho’ e ‘O Lobo e os Sete Cabritinhos’, as associações livres do paciente recuperaram uma história contada pelo avô na infância, trata-se do conto de um lobo que perdeu a cauda. As duas primeiras histórias são bastante populares entre nós. Na terceira delas, o lobo invadiu, pela janela, o quarto no qual um alfaiate trabalhava. Perseguido pelo alfaiate, que tinha um bastão, teve sua cauda arrancada fora. Aterrorizado por essa perda, o lobo fugiu correndo. Um tempo depois, ao avistar uma alcatéia na floresta, o alfaiate trepou em uma árvore para esquivar-se, entre os lobos estava o aleijado que - desejoso de vingança - liderou a organização de uma pirâmide de lobos para que o homem fosse alcançado. Velho e vigoroso, o lobo sem cauda ficou na base da pirâmide. O alfaiate, ao reconhecê-lo, gritou: ‘peguem o cinzento sem cauda!’, o terror da lembrança provocou a fuga desse lobo e a queda dos demais no chão.

O lobo é o personagem comum a essas histórias e foi tomado inicialmente por Freud como o primeiro representante paterno. Como situado pelas associações livres do paciente, outros fragmentos migraram das histórias infantis para a formação onírica: ‘cama’ (foi o local ocupado pelo lobo travestido de avó em ‘Chapeuzinho Vermelho’), ‘seis ou sete’ (em ‘O lobo e os sete cabritinhos’, dentre os sete, um deles escapou do lobo ao esconder-se na caixa de relógio, seis foram devorados), ‘branco’ (um truque do lobo que, já reconhecido por sua pata cinzenta, usou farinha de trigo para enganar os cabritinhos), ‘árvore’ (local *sob* o qual o lobo deitou e dormiu após sua refeição, em ‘O lobo e os sete cabritinhos’, e *sob* o qual os lobos se organizaram em sua tentativa frustrada de alcançar o alfaiate na história contada pelo avô), ‘quarto’ (local no qual estava tanto o alfaiate em uma história quanto a avó em outra, quando em ambas surge o lobo), ‘janela’ (a abertura repentina introduziu o lobo no quarto do alfaiate), ‘cauda’ (pedaço arrancado do lobo na história contada pelo avô).

O trabalho do sonho promoveu suas distorções apoiado em transposição ou inversão, como ilustra a posição do fragmento ‘lobo’ em relação ao fragmento ‘árvore’. A vívida e duradoura sensação de realidade conduziu Freud à hipótese de que o conteúdo manifesto do sonho apontava “[...] para uma ocorrência cuja realidade foi intensamente enfatizada como estando em marcado contraste com a característica irrealidade dos contos [...]” (op.cit.: 45). Daí sua suposição de que tal conteúdo encobria alguma cena com ocorrência real (isto é, não imaginada), que já havia caído em esquecimento na ocasião do sonho. As associações livres situaram que, previamente à formação onírica, o menino estava às voltas com o tema da castração, reencontrado distintamente não só nos contos infantis associados ao sonho como em outros materiais, dentre os quais merece destaque a ameaça de castração realizada por sua amada babá: diante de uma tentativa de sedução por parte da criança, que manipulou os genitais em sua presença, ela disse que aquilo não era bom e que quem fazia aquilo ficava com uma ‘ferida’ no lugar.

Ainda que a conclusão resultante dessa análise provisória não fosse consistente em si, Freud reuniu os seguintes fragmentos deduzidos do material produzido pelo sonhador: “Uma ocorrência real – datando de um período muito prematuro – olhar – imobilidade – problemas sexuais – castração – o pai – algo terrível” (op.cit.: 46). Tais fragmentos o levam à reconstrução da cena oculta no sonho: a ‘cena primária/ originária’ ou ‘fantasia primitiva’ (‘Urszene’), uma noção amplamente discutida nesse relato clínico. Além de definir e oferecer lugar para tal cena numa análise, Freud toma essa noção para argumentar contrariamente à posição de Jung.

O paciente narrou o sonho no início do tratamento e, no decorrer do mesmo, voltou a ele com frequência. Uma associação súbita levou a uma nova descoberta na compreensão do sonho: “[...] ‘era uma árvore de natal’ [...]” (op.cit.: 47). O sonho ocorreu na véspera dessa data, na qual também se comemora o nascimento do paciente: a expectativa de presentes era dobrada. A partir disso, Freud chega aos desejos envolvidos na formação do sonho: os desejos superficiais do dia - um desejo antecipatório da

chegada do natal com os presentes esperados, e o mais poderoso (e profundo) dentre eles - o desejo de obter satisfação sexual do pai. O sonho dos lobos realizou esses desejos ao *inovar* a cena primária, Freud frisa a escolha do termo inovação, que difere de recordação. *Posteriormente*, o sonho fez operar a observação da relação sexual dos pais. A castração - novo elemento do sonho, desconhecido por parte da criança na ocasião da observação do coito do casal parental - foi um progresso alcançado no sonho que não pôde ser mantido.

Uma ponte associativa que conduz da cena primária à cena do sonho foi localizada por Freud na história contada pelo avô por intermédio das *posturas*, especificamente um *detalhe* dessa história permitiu tanto a recordação do quadro da cena primária, quanto a representação da mesma através da história do lobo sem cauda: “[...] o lobo sem rabo pediu aos outros que **subissem em cima dele**” (op.cit.: 53). Esse detalhe ainda possibilitou a desejável substituição do casal parental pela alcatéia de lobos: a mãe, o lobo castrado sobre o qual os outros montavam, e o pai, o lobo que trepava no castrado. Freud se surpreendeu com o fato do medo que irrompe com o sonho ter tomado a história escutada do avô como modelo, porque naquela história o lobo castrado experimentou o medo - provocado pela lembrança de sua falta de cauda. A partir disso, o psicanalista supôs uma identificação com a mãe (lobo castrado), fato contra o qual inconscientemente o sonhador lutava.

É importante lembrar que na ilustração do conto ‘O Lobo e os Sete Cabritinhos’ - ponto de partida das associações livres do paciente de Freud - o horror da criança era especificamente provocado pela *postura* do lobo nessa gravura (op.cit.: 52). O próprio paciente assegurava que o lobo ereto provocava seu medo, o temor era que ele viesse e o comesse, uma transposição regressiva do desejo de copular com o pai. Diante da ilustração que o aterrorizava na infância, durante o tratamento com Freud, a *postura* do lobo na gravura fez o paciente pensar na *postura* do pai na cena primária. E fez Freud pensar na vida erótica do paciente em sua maturidade, cuja atitude também tinha uma especificidade: o jovem tendia a ataques compulsivos de paixão física que surgiam e desapareciam sucessiva e desconcertantemente. Seus rompantes amorosos tinham uma interessante marca: necessariamente, a mulher devia assumir a *postura* atribuída à mãe na cena primária. O paciente tornou-se consciente dessa condição específica durante seu tratamento com Freud.

Em relação à castração, duas correntes contrárias encontram-se lado a lado: uma abomina a idéia, a outra esta preparada para aceitá-la e, como compensação, consolar-se com a feminilidade. Porém, uma terceira corrente - anterior ao levantamento da problemática da castração - emergiu no decorrer da análise (op.cit.: 93). Essa terceira corrente, mais antiga e profunda, foi recuperada através da interpretação da lembrança encobridora do medo de borboleta. Nessa lembrança, o menino corria atrás de uma grande e bela borboleta com listras amarelas e, ao vê-la pousada em uma flor, agitando suas asas, foi tomado por um intenso terror. A interpretação reconstruiu gradativamente a cena oculta nessa lembrança: a empregada ajoelhada no chão, ao lado de uma vassoura

curta, reprimindo ou zangando-se com ele. As lacunas dessa recordação foram preenchidas por materiais que apontaram para uma tentativa de sedução da criança (que fez xixi diante dessa visão) e para a ameaça de castração realizada pela ama como brincadeira (op.cit.: 100), do tipo 'você fez xixi enquanto eu limpava aqui: vou cortar esse pipi fora'. A ação do menino nessa cena (fazer xixi) imita o pai, é uma tendência à direção que mereceria (posteriormente) a denominação de masculina. A sedução por parte da irmã: ela manipulou os genitais dele, ocorrida antes do sonho e lembrada durante a análise, foi tomada por Freud como um fato que levou o paciente à passividade, cujo caminho já estava aberto desde a observação dos pais na relação sexual (na cena primária).

Retroativamente, a *postura* da empregada agachada limpando o chão evocou a da mãe na cena primária. O fragmento *postura* sofreu uma transformação: a influência acidental dessa visão acarretou na transferência da *postura* da mulher para sua ocupação naquela *postura*. O valor dessa cena se situa em sua permanente atualização na escolha de amor do paciente na maturidade. Como o sonho dos lobos, essa lembrança encobridora cifrou uma relação com a cena primária a partir do significante *postura*. O destaque desse significante em minha leitura do caso foi possível graças à reconstrução retroativa da cena ativada no sonho e à decifração de outras formações infantis durante a análise do paciente. Afirmando que a retroação – uma noção temporal - viabilizou que o traço da cena primária fosse lido no “*só depois*” e que a cena fosse colocada em movimento.

A decifração do sonho também permite a constatação de que as conhecidas histórias infantis foram desfeitas para serem refeitas. Os fragmentos provenientes dessas histórias têm uma função distinta conforme o momento em que compareceram no sonho dos lobos: (i) na eleição do material realizada pelo trabalho do sonho, durante a infância do paciente, promoveu o ciframento da cena primária; (ii) no desencadeamento das associações livres, na maturidade, levou ao deciframento dessa cena; e, (iii) no modo como Freud se serviu do material para interpretar o caso, sua função foi reconstruir a cena primária. No relato clínico, os fragmentos das histórias infantis - mobilizados e articulados através do significante *postura* - estão diretamente relacionados à cena primária. Essa sobredeterminação foi revelada pela decifração do sonho em uma posterioridade. O significante ‘*postura*’ é um fragmento que estava lá previamente ao sonho, que nele operou e dele restou, colocando em movimento a cena primária. A implicação de *postura* na história do sujeito ilustra a alienação na e pela linguagem: a articulação entre real do corpo (o sexual, o infantil que é atualizado nos sintomas da juventude) e linguagem (trata-se de um significante que, enquanto tal, sempre convoca – retroativamente – um outro significante na cadeia).

Como no sonho dos lobos, as histórias infantis são desfeitas para serem refeitas na narrativa da criança, independentemente de sua posição na relação com a linguagem. No entanto, a tênue linha divisória entre consciente e inconsciente na criança impede que sua fala seja tomada em equivalência ao sonho. A divisão entre essas duas instâncias

ganha nitidez através do recalque do material infantil, marca instauradora do inconsciente. O recalque é um efeito da trajetória da criança pela linguagem. Como conseqüência, o sonho pode ser decifrado em uma análise, mas a fala da criança não pode ser decifrada pelo pesquisador de aquisição da linguagem. Como indicado por determinadas expressões, dentre as quais destaco: “prematuridade”, “posterioridade” e “infantil”, há uma completa solidariedade entre temporalidade e recalque. Desde sua primeira formulação em 1895 até o fim da obra freudiana, a teoria do recalque não foi alterada. Duas vertentes situam tal conceito: sexualidade e tempo. O retorno do recalco, espécie de memória que abarca todos os aspectos da vida de um indivíduo e direciona seus atos, se liga ao recalque.

É, portanto, essa noção que permite a discriminação dos termos infantil e infância. Se a infância é cronologicamente um momento inicial na vida das pessoas, a psicanálise revela o infantil como um resto resultante de uma série de formações fantasmáticas cuja articulação ocorre de forma específica durante esse momento cronológico inicial, como é possível reconstruir na análise de adultos. Segundo a psicanálise, essas formações são determinantes na subjetivação: o infantil é o estrutural, o inconsciente, o sexual. Cabe salientar que o sentido sexual - do Outro - precede o sujeito e é interpretado numa posterioridade. Essa questão aponta para a função da temporalidade na interpretação e para uma dissimetria (uma disjunção entre significação e experiência). A dissimetria produz efeitos na interpretação e a necessidade de uma versão, na qual o vínculo com o lugar do Outro é tematizado.

A ‘cena’ é uma construção retroativa do sexual traumático infantil que pode ser inovada no sonho e sobre a qual a criança não tem nenhuma autonomia. Trata-se da representação do momento chave do Édipo, no qual opera a castração. É importante frisar que o Édipo – retrato da relação da criança com seus pais – pode ser pensado como uma estrutura narrativa. Durante a passagem da criança por ele, há a intervenção paterna na relação primordial com a mãe. A castração, independentemente do sexo da criança, regula o desejo. Nas palavras de Freud, a cena é uma cicatriz do Édipo (1919: 208).

Destaco que a ‘cena’ aponta para um acontecimento passado, algo que está lá independentemente de ter tido lugar na realidade e previamente a qualquer significação impressa *a posteriori*. Esses pontos foram valorizados na leitura de Freud realizada por Lacan, que a nomeia ‘a cena sobre a cena’, aquela subjacente às formações do inconsciente (a cena do sonho, o sintoma, as repetições,...). A partir desta perspectiva, a ‘cena sobre a cena’ fornece consistência ao desejo, marca o sujeito em relação ao desejo. Trata-se de uma marca do infantil reveladora da “relação” sujeito – Outro que, embora jamais realizada completamente, é impossível de ser desfeita e acompanha o sujeito vida afora.

Freudianamente, Lacan concebe tal construção como a reunião de cacos, pedaços e pedacinhos de coisas, fragmentos de origens heterogêneas que - como nas matemáticas - constituem um conjunto. O mundo para o sujeito da psicanálise, o falante, se reduz a

esta estrutura - ensina Lacan. A história passa a ser pensada em termos de estrutura, a qual, por sua vez, é determinada pelas leis do significante. Para Lacan, a linguagem é uma organização lógica que regula tanto as relações do sujeito com a cultura quanto com o pulsional. Sua leitura do Édipo freudiano, sustentada pela antropologia de Lévi-Strauss, promoveu um deslocamento: do mito à estrutura; uma verdadeira redefinição. O conceito de estrutura em Lacan comporta o lugar da falta.

A eficácia simbólica das histórias infantis (contos maravilhosos/ mitos) está na abertura de uma brecha para que o traumático compareça. O sonho e a fala da criança situam tais histórias como disparadoras e/ou articuladoras de questões concernentes ao traumático, ao real, ao sexual. A operação sobre a falta, o impossível de simbolizar cujo traço insiste, desfaz as histórias infantis para refazê-las tanto na narrativa da criança como no sonho e na construção da cena primária. Nessas histórias há intervenção do 'maravilhoso', termo que remete ao que causa (ad)miração: o extraordinário, o sobrenatural, o misterioso. Portanto, entra em jogo o campo do olhar, também implicado na concepção freudiana de 'cena primária' e na leitura de Lacan sobre esse conceito. A radicalidade ficcional das histórias infantis deve-se à dimensão do impossível. O que constitui propriamente o 'maravilhoso' é a dimensão do impossível, daí seus efeitos de fascínio sobre o infantil. Nos contos maravilhosos tudo é possível, isto é: o desejo intenso de preenchimento do vazio existente entre coisas e palavras – um preenchimento da ordem do impossível – não é questionado. Esse desejo opera e afeta a estrutura produzindo efeitos, como é o caso do 'des-fazimento' das histórias infantis verificado na cifração/decifração do sonho dos lobos (no qual a cena primária é inovada) e na fala da criança. A operação das histórias infantis consiste na oferta de significantes que são chaves para a elaboração da passagem edípica. Vale frisar que tais significantes não têm um significado pré-estabelecido, não se trata de um conjunto de signos que representaria alguma realidade extralingüística.

Os significantes articulados nos contos maravilhosos evocam a castração, a falta no Outro e, a partir disso, produzem como efeito o 'des-fazimento' dessas histórias. A estruturação de tais histórias implica em causalidade (base de qualquer história) e em linearidade (elemento imprescindível à narrativa canônica). Causalidade e linearidade sustentam a concatenação de fragmentos e o preenchimento de lacunas; ou seja, promovem uma unificação onde originalmente só havia buraco, falta; não relação. A literatura infantil alimenta as operações do significante sobre a falta no Outro, tais operações produzem o 'des-fazimento' de histórias infantis como efeito. Essa ficção é alimento para o desejo, cuja função é situável pela linguagem, como considera Safouan: “[...] existe desejo porque existe inconsciente, isto é, linguagem que escapa ao sujeito na estrutura e nos efeitos [...]” (1970: 32).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. 1988 [1914]. *História de uma neurose infantil*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago.
- . 1988 [1919]. *'Uma criança é espancada': uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago.
- SAFOUAN, M. (1970). *Estruturalismo e Psicanálise*. São Paulo: Cultrix.